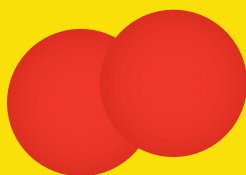




**MICHAEL
LEWIS**



**A
PREMONIÇÃO**

UMA HISTÓRIA DA PANDEMIA



A
PREMONIÇÃO
UMA HISTÓRIA DA PANDEMIA

MICHAEL LEWIS

Tradução de Livia de Almeida
e Maria de Fátima Oliva Do Coutto



Copyright © 2021 by Michael Lewis
Venda proibida em Portugal, Angola e Moçambique

TÍTULO ORIGINAL
The Premonition: A Pandemic Story

PREPARAÇÃO
Diogo Henriques

REVISÃO
Eduardo Carneiro
João Sette Camara

DESIGN DE CAPA
Steve Attardo

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Equatorium Design | Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L653p

Lewis, Michael, 1960-

A premonição : uma história da pandemia / Michael Lewis ; tradução Livia de Almeida, Maria de Fátima Oliva do Coutto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: The premonition
ISBN 978-65-5560-232-6

1. Covid-19 (Doença) - Previsão. 2. Covid-19 (Doença) - Pesquisa. 3. Infecções por coronavírus - China - Wuhan. 4. Estados Unidos - Política e governo - Séc. XXI. I. Almeida, Livia de. II. Coutto, Maria de Fátima Oliva do. III. Título.

21-70819

CDD: 614.592414
CDU: 616.98:578.834

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Introdução

OS DESAPARECIDOS

Este livro começou como um misto profano de obrigação e oportunismo. Durante a primeira metade da administração Trump escrevi *O quinto risco*, um livro no qual enquadrei o governo federal como gestor de uma carteira de riscos existenciais: desastres naturais, armas nucleares, pânicos financeiros, estrangeiros hostis, segurança energética, segurança alimentar e assim por diante. O governo federal não era apenas aquela massa cinzenta de dois milhões de funcionários sem rosto. Nem era um *deep state* bem coordenado que buscava subverter a vontade do povo. Era uma série de especialistas, alguns deles verdadeiros heróis, de quem abusávamos e negligenciávamos por nossa conta e risco. No entanto, praticávamos tais abusos e negligências por mais de uma geração. Aquele comportamento chegou ao auge na administração Trump. Meu livro fazia a seguinte pergunta: o que acontece quando os responsáveis pelo gerenciamento desses riscos, atuando lado a lado com os especialistas que os compreendem, não têm qualquer interesse neles?

Eu não fazia a mínima ideia do que viria a seguir. Presumi que algo estava prestes a acontecer. Mas não aconteceu. Durante três anos, a administração Trump teve sorte. A sorte acabou no fim de 2019, quando um vírus que acabara de sofrer mutação na China conseguiu chegar aos Estados Unidos. Era exatamente o tipo de teste de gestão que eu imaginara ao escrever *O quinto risco*. Como eu poderia não escrever sobre isso? Mas quando me familiarizei com o assunto, e descobri os maravilhosos personagens que contam a história, ficou claro que a abordagem de Trump à gestão governamental era apenas uma parte do todo — talvez nem fosse a mais importante. Como diz um dos meus personagens, “Trump era uma comorbidade”.

Ainda em outubro de 2019 — quase três anos depois do início do governo Trump e antes de qualquer um dos envolvidos ter conhecimento do novo coronavírus —, um grupo de pessoas muito inteligentes havia se reunido para classificar todos os países do mundo e avaliar seu grau de prontidão para enfrentar uma pandemia. Um grupo chamado de Nuclear Threat Initiative [Iniciativa de Ameaça Nuclear] fez uma parceria com a Johns Hopkins e a The Economist Intelligence Unit [Unidade de Análise do grupo The Economist] para criar um ranking com 195 países, algo parecido com os rankings de futebol americano universitário em começo de temporada. Foi chamado de Índice Global de Segurança em Saúde. Era um empreendimento colossal envolvendo milhões de dólares e centenas de pesquisadores. O grupo criou estatísticas e consultou especialistas. Por fim, classificou os Estados Unidos em primeiro lugar. Número 1. (O Reino Unido era o segundo.)

Choveram críticas. As queixas não eram tão diferentes das que se ouviram pouco antes do começo de qualquer temporada de futebol universitário. Por muitos anos o Texas Longhorns, time da Universidade do Texas, com seus vastos recursos e muitos votos, sempre parecia estar em uma posição mais elevada no início da tem-

porada do que no final. Os Estados Unidos eram o Longhorns da prontidão para pandemias. Um país rico. Com acesso privilegiado ao talento. Desfrutando relacionamentos especiais com os especialistas cujos votos determinavam os rankings.

E aí o jogo começou. As classificações anteriores não tinham mais importância. Na verdade, nem as desculpas, as culpabilizações e as racionalizações. Como disse uma vez o lendário treinador de futebol Bill Parcells: “Você é aquilo que seu histórico diz a seu respeito.” Na última contagem, os Estados Unidos, com pouco mais de 4% da população mundial, tinham respondido por mais de 20% de todas as mortes por covid-19. Em fevereiro de 2021, o *Lancet* publicou uma extensa avaliação crítica de seu desempenho durante a pandemia. Àquela altura, 450 mil norte-americanos haviam morrido. O *Lancet* apontou que se a taxa de mortalidade nos Estados Unidos tivesse simplesmente acompanhado a média das outras seis nações do G7, 180 mil cidadãos ainda estariam vivos. “Norte-americanos desaparecidos”, foram chamados. Mas por que parar por aí? Antes da pandemia, um painel de especialistas em saúde pública julgara que os Estados Unidos estavam mais preparados para uma pandemia do que os demais do G7. Em uma guerra contra um vírus, não se esperava que nós fôssemos tão bem quanto outros países ricos. Esperava-se que nós vencêssemos.

Gosto de pensar que meu trabalho é, principalmente, o de encontrar a história no assunto. Sempre espero que a escolhida acabe sendo mais do que eu pensava ser e que o leitor, contribuindo com suas próprias percepções, encontre significados que foram ignorados pelo autor. Mas isso não quer dizer que eu não formo algumas opiniões sobre o assunto. Acho que essa história em particular é sobre os talentos curiosos de uma sociedade e sobre o modo como eles podem ser desperdiçados se não forem bem conduzidos. Trata também da forma como podem surgir lacunas entre a reputação e o desempenho de uma sociedade. Depois de uma temporada ca-

tastrófica, a comissão técnica de um time sempre se reúne para entender o que precisa ser alterado. Se a história que apresentarei aqui tem a ver de algum modo com uma comissão técnica, espero que seja para dizer que, na verdade, existem alguns motivos para sentir orgulho. Nossos jogadores não são o problema. Mas somos o que nosso histórico diz a nosso respeito.

PARTE I

Prólogo

O ESPELHO DOS GLASS

Laura Glass tinha treze anos e começava a oitava série da Jefferson Middle School em Albuquerque, Novo México, quando deu uma olhada por cima do ombro do pai para ver no que ele estava trabalhando. Bob Glass era cientista do Sandia National Laboratories, criado em meados dos anos 1940 para descobrir tudo o que precisava ser descoberto sobre armas nucleares, menos a criação do plutônio e do urânio que elas carregavam. Foram os engenheiros do Sandia que calcularam como lançar uma bomba de hidrogênio de um avião sem matar o piloto, por exemplo. Em meados dos anos 1980, quando Bob Glass chegou, o Sandia tinha fama de ser o lugar para onde encaminhavam problemas ultrassecretos depois que todo o submundo da segurança nacional fracassara em encontrar uma solução. Atraía pessoas que corriam atrás das próprias ideias, passando por cima de quase todo o resto. Gente como Bob Glass. Quando dava uma olhada no que o pai fazia, Laura Glass nem sempre entendia aquilo que tinha diante de si, mas nunca parecia ser algo chato.

O que ela viu naquele dia de 2003 foi uma tela repleta de pontos verdes que se movimentavam de modo aparentemente aleatório. Então notou que alguns dos pontos não eram verdes, mas vermelhos, e quando um ponto vermelho esbarrava num verde, o verde ficava vermelho também. Era o que se chamava de um “modelo baseado no agente”, como explicou seu pai. *Imagine que cada um desses pontos é uma pessoa. Existe um monte de pessoas no planeta. Uma delas é você. Existem tipos diferentes de pessoas, com cronogramas diferentes, e existem regras sobre o modo como essas pessoas interagem. Organizei uma espécie de horário para cada uma e depois soltei todas juntas para ver o que acontece...*

Uma das coisas que Bob Glass gostava naquele tipo de estudo era a facilidade de explicá-lo. Os modelos eram abstrações, mas o tema abstraído era familiar: uma entidade única, que poderia ser descrita como uma pessoa, uma informação ou uma série de outras coisas. À medida que os pontinhos verdes ficavam vermelhos era possível acompanhar uma fofoca se espalhando, um engarrafamento, o início de uma arruaça ou a extinção de uma espécie. “Quando começamos a apresentar a questão desse jeito, todo mundo consegue entender de imediato”, disse ele.

Seu modelo era um retrato grosseiro do mundo real, mas permitia enxergar coisas do mundo real que poderiam ser obscurecidas em um retrato mais detalhado. Também permitia que ele respondesse a perguntas complicadas que agora faziam parte da sua rotina, a maioria relacionada à prevenção de algum desastre nacional. O Federal Reserve Bank of New York [Banco da Reserva Federal de Nova York] tinha acabado de usá-lo para compreender como um fracasso que se dava em um extremo do sistema financeiro norte-americano poderia reverberar no outro. O Departamento de Energia queria que ele determinasse se uma pequena falha na rede elétrica poderia desencadear uma onda de apagões por todo o país. Assim que parava de falar de pessoas e começava a falar,

por exemplo, de fluxos de dinheiro, correlacionar os pontinhos na tela e o mundo real ficava mais difícil para quase todo mundo entender, mas não para ele. “Eis o ponto crucial da ciência”, diria Bob com entusiasmo. “Toda ciência é baseada em constrição de modelos. Em todas as áreas da ciência, fazemos abstrações da natureza. A pergunta é: trata-se de uma abstração útil?” Para Bob Glass, útil significava: trata-se de uma abstração capaz de ajudar a resolver um problema?

Naquele momento, Laura Glass tinha o próprio problema: a feira de ciências daquele ano. Não dava para fugir. A ciência sempre exercera um papel importante em seu relacionamento com o pai. Era uma regra tácita da família Glass que ela e as duas irmãs competiriam na feira todos os anos. E, na verdade, Laura adorava. “O tipo de ciência que eu podia fazer com meu pai era muito diferente do tipo de ciência que eu fazia na escola”, confessou ela. “Com a ciência da escola eu sempre tive dificuldade.” Com o pai, a ciência era aquela ferramenta para encontrar novas perguntas interessantes para fazer e para responder. Que perguntas eram essas não importava: o pai não tinha o menor respeito pelas fronteiras entre os assuntos e pensava em todas as ciências como uma coisa só. Os dois criaram um projeto sobre a probabilidade com o jogo de cara ou coroa e outro sobre as diferenças na fotossíntese de espécies de plantas. A cada ano o processo ficava mais competitivo. “Quando o ensino médio começa a se aproximar a gente vê que a competição fica mais acirrada”, lembrou Laura.

Enquanto observava a tela do computador do pai, Laura pensou: *É quase como se os pontos vermelhos estivessem infectando os verdes*. Na aula de história, ela fizera leituras sobre a peste bubônica. “Eu, que não fazia ideia daquilo, fiquei fascinada. Um terço da Europa foi dizimado.” Ela perguntou ao pai: *Seria possível usar esse modelo para estudar a propagação de uma doença?* Robert não tinha considerado essa possibilidade. “Pensei, Deus do céu, como

vou ajudá-la a fazer isso?”, disse ele. Mas essa colaboração era uma coisa inquestionável para pai e para filha. Enquanto a maioria dos pais era do tipo “pais da liga infantil de esportes”, Bob Glass era um “pai dos estudos científicos”. Talvez ele não se realizasse por meio dos projetos de ciência da filha da mesma forma que os outros pais se realizavam com os jogos de beisebol dos filhos. Mesmo assim...

Em pouco tempo pai e filha estavam imersos em um novo projeto para a feira de ciências. Naquele primeiro ano o modelo era grosseiro. A doença era a peste bubônica, o que, em Albuquerque, Novo México, em 2004, parecia um tanto bobo. A aldeia de Laura tinha dez mil habitantes, uma fração da população de seu distrito escolar. No que chamou de “Mundo Infectado”, as pessoas se contaminavam com a praga simplesmente ao passar perto das outras, o que não era realista. Como seria ela quem se colocaria diante de seus painéis de isopor com gráficos e tabelas para responder às perguntas dos juízes, também era ela quem tinha uma consciência mais profunda sobre as limitações de seu projeto. “Os juízes sempre perguntavam: Essa situação é realista? Como você pode aplicá-la e utilizá-la?”, relembra. Mesmo assim, Laura foi a única aluna na feira a apresentar um projeto de epidemiologia. Seu projeto a qualificou para o campeonato estadual. Ela procurou o pai e disse: *Vamos fazer uma coisa real.*

Para tanto, ela precisava de um patógeno mais plausível. “Falei para o meu pai: ‘Não vai ser a peste bubônica. Vai ser alguma coisa do mundo moderno, alguma coisa tipo a gripe.’” Fosse qual fosse o patógeno, Laura precisaria aprender mais sobre ele e sobre a sociedade na qual ele interagiria. “Ela veio até mim e disse: ‘Pai, não é muito bom que as pessoas fiquem doentes só de passarem umas pelas outras... Ah, e mais uma coisa, as pessoas não andam por aí desse jeito. Elas têm redes sociais. Preciso ter redes sociais por aqui’”, conta Bob. Durante o ano de 2004, Bob observou a filha, agora com catorze anos, preparar um levantamento e realizá-lo

com centenas de pessoas em seu distrito escolar: funcionários de empresas, professores, pais, avós, alunos do ensino médio, do ensino fundamental, da pré-escola. “A princípio, eu devia procurar meus colegas e fazer perguntas”, disse Laura. “Com que frequência se abraçavam e se beijavam? Faziam isso com quantas pessoas? Sentavam-se ao lado de quantas pessoas diferentes todos os dias? Quantos minutos passavam sentados ao lado delas? Depois, deixei os colegas e me concentrei nos pais.” Laura mapeou suas redes sociais e seus movimentos, depois as interações entre diferentes redes sociais. Contou o número de pessoas com quem cada indivíduo interagia com proximidade suficiente para ser infectado com um patógeno transmitido por via aérea.

Ela ficou apaixonada pelo projeto de ciências e o pai adorou. Quanto mais Laura se aprofundava, mais ele se aprofundava também. “Eu a tratava como se fosse uma aluna da pós-graduação. Eu dizia: ‘Me mostre o que você fez e faço minhas perguntas.’” Para ajudar a filha, o modelo computacional de Glass precisava ser aprimorado de formas que estavam fora do alcance até mesmo do conhecimento dele. O programador mais talentoso que Bob Glass conhecia era um sujeito no Sandia National Labs, Walt Beyeler. “Sandia é mesmo um lugar bem esquisito. Los Alamos está cheio de gente com pedigree. Já Sandia contrata os cientistas mais brilhantes que consegue encontrar, mas não dá muita importância para o pedigree”, explica Glass. O próprio Glass correspondia à ideia que a maioria das pessoas faz de uma mente brilhante, mas era Walt quem correspondia à ideia *de Bob*. Pedir a ele que ajudasse com o projeto da filha para a feira de ciências era um pouco como chamar LeBron James para jogar uma pelada de basquete. Walt topou.

O modelo precisava incluir interações sociais realistas. Precisava levar em conta períodos de incubação, que é quando as pessoas estão infectadas, mas ainda não infectam. Precisava de pessoas as-

sintomáticas, porém capazes de propagar a doença. Precisava que indivíduos imunizados ou mortos fossem removidos da rede. Precisava fazer pressupostos sobre o comportamento social dos doentes e sobre a possibilidade de uma pessoa infectar outra quando entrassem em contato. Pai e filha concordaram que, dada a natureza de suas próprias interações, as crianças tinham o dobro de possibilidade de se infectarem em qualquer interação social em relação aos adultos. Em prol da simplicidade, concordaram em deixar algumas coisas de fora. “Não tínhamos universitários no modelo”, disse Bob Glass. “Deixamos de lado casos de uma noite e coisa e tal.”

Bob Glass ficou seriamente interessado. Para ele, parecia menos com um projeto de ciências e mais com um projeto de engenharia. Ao compreender como uma doença avançava dentro de uma comunidade, seria possível encontrar formas de diminuir seu ritmo e até detê-la. Mas como? Bob começou a ler tudo o que podia sobre doenças e a história das epidemias. Chegou até *A grande gripe*, livro do historiador John M. Barry sobre a pandemia de gripe de 1918. “Eu olhei aquilo e pensei: ‘Meu Deus, cinquenta milhões de pessoas morreram!’ Eu não fazia ideia. Então comecei a pensar quão importante era esse problema.”

Pai e filha ficaram alertas para o verdadeiro mundo das doenças. No outono de 2004, ficaram assustados ao lerem a notícia sobre a contaminação de uma fábrica de vacinas em Liverpool, na Inglaterra, que levou os Estados Unidos a perderem metade de seus suprimentos da vacina contra a gripe. Não havia vacina suficiente para todos. A pergunta era: quem deveria tomá-la, então? A política do governo norte-americano na época era administrar doses para os indivíduos com o maior risco de morte: os idosos. Laura achou que isso não era correto. “Ela disse: ‘Os jovens têm muito mais interações sociais, são eles que transmitem a doença’”, recordou-se o pai. “E se as vacinas fossem aplicadas neles?”, ques-

tionou Laura. Assim, pai e filha retornaram ao modelo e ajustaram a aplicação de vacina em jovens, eliminando sua capacidade de transmissão. De fato, os idosos não contraíam a doença. Bob Glass vasculhou a literatura atrás do infectologista ou epidemiologista que já tivesse chegado a essa conclusão. “Só consegui encontrar um artigo que sugerisse isso”, disse ele.

No fim, Laura Glass, então caloura do ensino médio na Albuquerque High School, ganharia o grande prêmio da feira de ciências estadual do Novo México. Estava a caminho da competição internacional em Phoenix, contra dois mil estudantes de todas as partes do mundo. Seus grandes painéis de isopor se concentravam estritamente em uma pergunta: “As cepas de gripe sofrem mutações o tempo inteiro. O que aconteceria se não tivéssemos a vacina apropriada a tempo?” Bob, por sua vez, já havia lido ou, pelo menos, passado os olhos em tudo o que havia sido escrito sobre epidemias e como controlá-las. A doença de 1918, que matara cinquenta milhões de pessoas, surgiu a partir de uma série de mutações no vírus dentro de alguma ave. Em 2005, a gripe sazonal já apresentava algumas dessas mutações. “Uma questão de vida ou morte com proporções globais se aproximava”, escreveria ele mais tarde. No entanto, todos os especialistas presumiam basicamente que, nos primeiros meses após o surgimento de alguma mutação assassina, pouco poderia ser feito para salvar vidas além de isolar os doentes e rezar por uma vacina. O modelo que Bob desenvolvera com a filha demonstrava não existir diferença entre aplicar uma vacina e remover o indivíduo de suas redes sociais: nos dois casos, a pessoa perdia a capacidade de infectar os outros. Os especialistas, porém, só falavam em acelerar a produção e a distribuição das vacinas. Ninguém parecia estar explorando formas mais eficientes e menos disruptivas de retirar as pessoas de seus círculos sociais. “E então eu tive esse medo súbito”, disse Bob. “De que ninguém perceberia o que poderia ser feito.”

PARA QUEM CONSEGUIA LER AS ENTRELINHAS, AS NOTÍCIAS CENSURADAS DA CHINA PARECIAM ATERROIZANTES.

Mas Donald Trump insistiu que não havia nada com que se preocupar. Felizmente, ainda podemos contar com os cétricos, os que estudam pandemias e os que estão dispostos a examinar com firmeza os piores cenários. Este *thriller* de não ficção brilhante e tenso escrito por Michael Lewis contrapõe médicos visionários à resposta oficial negacionista do governo Trump à eclosão da Covid-19.

Os personagens apresentados neste livro são tão fascinantes quanto inesperados: uma menina de 13 anos fez um projeto escolar sobre a transmissão de um patógeno aerotransportado que se transformaria em um modelo adulto de controle de doenças; uma funcionária da rede de saúde pública usa sua perspectiva para identificar falhas do Centro de Controle e Prevenção de Doenças e revelar grandes verdades sobre a sociedade norte-americana; uma equipe secreta de médicos dissidentes, apelidados de Wolverines, tem tudo o que é necessário para combater a pandemia — formações brilhantes, laboratórios de ponta, experiência com as ameaças pandêmicas da gripe aviária e suína —, mas não consegue permissão oficial para fazer o próprio trabalho.

Michael Lewis não tem medo de chamar essas pessoas de heróis por elas se recusarem a seguir diretivas baseadas em desinformação e negacionismo. Um retrato preciso e assombroso contra a negligência e a desumanidade que surgiram com uma das maiores crises sanitárias de todos os tempos.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1066/>